



remaa

Bosque da Memória de Ijuí/RS: A restauração ecológica para a vivência do luto

Francesca Werner Ferreira¹

Associação Ijuicense de Proteção ao Ambiente Natural – AIPAN

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8572-2005>

Pamela Copetti Ghisleni²

Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas da COVID-19 – AVICO

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0166-9462>

Arlete Regina Roman³

Associação Ijuicense de Proteção ao Ambiente Natural – AIPAN

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0653-3193>

Resumo: A pandemia de Covid-19 alterou significativamente os rituais de despedida e evidenciou a importância dos trabalhadores da saúde. Para homenagear os falecidos e agradecer aos profissionais da saúde, foi lançada, pela Rede de ONGs da Mata Atlântica, a Campanha Bosques da Memória, marcando o início da Década da Restauração de Ecossistemas 2021-2030. Em Ijuí/RS, a AVICO-BRASIL e a AIPAN propuseram o projeto à comunidade local, tendo em vista que o Município, que contabiliza mais de trezentos óbitos por Covid-19, encontra-se num ecótono (Mata Atlântica e Pampa) muito degradado. Este texto apresenta reflexões, a partir da experiência do Bosque da Memória de Ijuí, sobre como ações de recuperação

¹ Presidente da AIPAN – Associação Ijuicense de Proteção ao Ambiente Natural. Bióloga (CRBio3 25873). Ambientalista, Doutora em Zootecnia – Produção Animal-Ictiologia, Professora Adjunta aposentada da Unijuí. E-mail: pisciskeka@gmail.com

² Presidente de Assuntos Jurídicos da AVICO-BRASIL – Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas da Covid-19. Mestre em Direitos Humanos (UNIJUI/RS). Advogada (OAB/RS 100.497) e Professora Universitária (Faculdade CNEC Santo Ângelo/RS). E-mail: pcghisleni@gmail.com

³ Possui Licenciatura e Graduação em Enfermagem (UNIJUI/1988), Pós-Graduação Lato Sensu em Saúde Pública (UNIJUI/1993), em Enfermagem Obstétrica (EEUSP/1994), e em Gestão de Programas de Residência em Saúde no SUS (MS/Sírio-Libanês/2017), Mestrado em Enfermagem Obstétrica (UNIFESP/1997) e Certificado de Responsabilidade Técnica Holística como Terapeuta pela Associação Brasileira dos Terapeutas Holísticos (ABRATH/2019). Professora Assistente na UNIJUI atuando, especialmente, nos cursos de graduação do Departamento de Ciências da Vida e na Residência Multiprofissional em Saúde da Família UNIJUI/FUMSSAR. E-mail: arleteroman27@gmail.com

socioambiental puderam constituir alternativas aos rituais de despedida em meio à pandemia, viabilizando a ressignificação da tragédia e a construção da memória coletiva.

Palavras-chave: Covid-19; Luto; Preservação ambiental; Restauração ambiental.

Bosque da Memória de Ijuí/RS: La restauración ecológica para la experiencia del duelo

Resumen: La pandemia de Covid-19 cambió significativamente los rituales de despedida y destacó la importancia de los trabajadores sanitarios. Para honrar a los fallecidos y agradecer a los profesionales de la salud, la Red de ONG de la Mata Atlántica lanzó la Campaña Bosques da Memória, marcando el inicio de la Década de Restauración de los Ecosistemas 2021-2030. En Ijuí/RS, AVICO-BRASIL y AIPAN propusieron el proyecto a la comunidad local, considerando que el Municipio, que cuenta con más de trescientas muertes por Covid-19, está ubicado en un ecotono muy degradado (Selva Atlántica y Pampa). Este texto presenta reflexiones, a partir de la experiencia del Bosque da Memória de Ijuí, sobre cómo las acciones de recuperación socioambiental podrían constituir alternativas a los rituales de despedida en medio de la pandemia, posibilitando el replanteamiento de la tragedia y la construcción de la memoria colectiva.

Palabras clave: COVID-19; Dolor; Preservación del medio ambiente; Restauración ambiental.

Bosque da Memória de Ijuí/RS: The ecological restoration for the experience of mourning

Abstract: The Covid-19 pandemic significantly changed farewell rituals and highlighted the importance of healthcare workers. To honor the deceased and thank health professionals, the Atlantic Forest NGO Network launched the Bosques da Memória Campaign, marking the beginning of the Decade of Ecosystem Restoration 2021-2030. In Ijuí/RS, AVICO-BRASIL and AIPAN proposed the project to the local community, considering that the Municipality, which accounts for more than three hundred deaths from Covid-19, is located in a very degraded ecotone (Atlantic Forest and Pampa). This text presents reflections, based on the experience of the Bosque da Memória de Ijuí, on how socio-environmental recovery actions could constitute alternatives to farewell rituals in the midst of the pandemic, enabling the reframing of the tragedy and the construction of collective memory.

Keywords: Covid-19; Mourning; Environmental preservation; Environmental restoration.

Introdução

A pandemia de COVID-19 (SARS-CoV-2) afetou radicalmente bilhões de pessoas no mundo todo. Os efeitos foram sentidos tanto física quanto socioemocionalmente, o que se deveu, dentre outras circunstâncias, às mudanças drásticas que se impuseram nas rotinas, à falta de previsibilidade quanto ao futuro, à restrição ou perda da liberdade de circulação, além de, obviamente, lançar toda a humanidade num processo de pânico generalizado e luto, a despeito da dificuldade de vivenciá-lo nos períodos mais graves da pandemia.

Num curtíssimo espaço de tempo, ocorreram perdas em massa, com muitas dificuldades para realização de rituais de despedida tão importantes no processo de compreensão da morte e elaboração da dor do luto.

Nesse sentido, o Bosque da Memória de Ijuí surgiu como uma proposta tendente a viabilizar a reflexão sobre a dor e a ressignificação do luto não vivido (ao menos publicamente) quanto aos óbitos por Covid-19. Além disso, o projeto traz consigo uma espécie de homenagem aos trabalhadores da saúde, responsáveis diretos pelo cuidado dos que adoeceram e morreram por ocasião da pandemia. Finalmente, a proposta implica ações de restauração de biomas degradados, de modo a permitir a construção não somente de uma memória coletiva quanto à pandemia, mas também de uma consciência ambiental intergeracional.

Concomitantemente à pandemia, o ano de 2020 seguiu revelando diversas tragédias ambientais, muitas das quais evitáveis, como incêndios florestais, aumento do desmatamento e consequente agravamento da crise climática que atinge toda a sociedade, mas, especialmente, populações vulneráveis. No Rio Grande do Sul, a propósito, vivenciou-se a maior catástrofe climática da história do Estado, entre o final de abril e o início de maio de 2024, com as enchentes e inundações que afetaram cerca de 2,4 milhões de pessoas.

Com efeito, atualmente, existem bilhões de hectares de paisagens degradadas com potencial para restauração ecológica. Ao mesmo tempo, muitos estudos apontam para os inúmeros benefícios advindos do contato com a natureza, seja como fonte de relaxamento e bem-estar, seja como redutor de sintomas como a ansiedade, o estresse e a depressão. Dessa forma, o Bosque da Memória de Ijuí torna-se um espaço de encontro e vivências intensas, no qual as famílias podem experimentar um processo de restauração de um ambiente degradado, onde o plantar e o cuidar oportunizam a (re)conexão com a natureza, o acompanhamento do retorno de processos ecológicos e o resgate da biodiversidade, além da construção e fortalecimento de vínculos afetivos estabelecidos pela e com a natureza (Mayer *et al.*, 2004).

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho é apresentar o Bosque da Memória de Ijuí como um espaço para refletir sobre como ações de recuperação socioambiental possibilitam o resgate de vínculos afetivos rompidos pela impossibilidade da realização de

rituais de despedida entre pessoas na iminência da morte e seus familiares, bem como para os profissionais de saúde que experimentaram não somente perdas pessoais, mas a morte de milhares de pacientes.

Fundamentação

A declaração da Covid-19 como pandemia, pela Organização Mundial da Saúde (OMS), ocorreu quase três meses após a doença ter sido identificada na China, no final de 2019. A pandemia afetou drasticamente todos os países, inicialmente os da Ásia, além da China, a Coreia do Sul e o Japão e, posteriormente, os países da Europa (Itália, França e Espanha) e os Estados Unidos, sendo que em março de 2020 a calamidade estava espalhada em todos os continentes (Libonati, 2020).

Em todos os países, foram decretadas medidas de isolamento social por tempo indeterminado, numa tentativa de minimizar a circulação do vírus. Entretanto, a doença espalhou-se de forma alarmante, causando mudanças na vida de bilhões de pessoas, trazendo inseguranças quanto ao futuro, restrições em termos de liberdade de circulação e reuniões sociais e de trabalho e, ademais, impôs uma sensação generalizada de medo e luto, muito embora muitos enlutados não tenham podido vivenciar os rituais fúnebres tradicionais que emprestam tanto significado à partida de alguém amado.

Com o crescente aumento no número de vítimas fatais e outras tantas com sequelas, mais ou menos graves, houve um incremento também na sensação de angústia, individual e coletiva, diante das incertezas, tanto por parte de familiares e vítimas, quanto dos próprios profissionais de saúde, pela falta de informações sobre o curso da doença, sobre os tratamentos adequados e os prognósticos possíveis. Aliado ao isolamento da pessoa doente, houve um aumento da sensação de pânico e impotência, criando-se um conjunto de reações relacionadas ao luto potencial, como se estar doente fosse uma condenação de morte. Este “pré-luto” pode incluir um grande sofrimento emocional, confusão existencial e sensação de impotência com implicações diretas nos resultados psicológicos de familiares de pacientes com Covid-19.

A preparação para uma perda reduz tanto os traumas imediatos ao diagnóstico (“pré-luto”) quanto aqueles do pós-morte, incluindo o luto prolongado (Singer *et al.*, 2020). De fato, há um menor abalo psicológico e emocional, especialmente quando há uma preparação em relação às preocupações imediatas relativamente a uma situação de perda (por exemplo, apoio social) e necessidades de planejamento em face do que acontece após a morte. Do mesmo modo, a comunicação franca entre os familiares dos pacientes e os profissionais de saúde ajuda nesta preparação, resultando em taxas menores de sofrimento a longo prazo e diminui a gravidade do choque relacionado às perdas (Singer *et al.*, 2020; Nielsen *et al.*, 2016).

Uma barreira significativa à comunicação aberta entre membros da família e prestadores de cuidados de saúde, durante a pandemia, foi a proibição de visitas dos familiares das vítimas aos hospitais devido ao risco de transmissão e a necessidade de proteger os trabalhadores da linha da frente, reduzindo a interação com a equipe médica. Outrossim, a desinformação e a incompreensão sobre doenças que limitam a vida, e especificamente sobre a sindemia da Covid-19, segundo a jornalista Laurie Garrett (*The Lancet*), para além da falta de informações sobre a doença em si (etiologia, taxas de morbidade, resultados, tratamentos potenciais etc.), as falsas notícias, ou *fake news*, geraram pânico público, histeria do mercado financeiro e levaram a mal-entendidos não intencionais da ciência sobre a epidemiologia da SARS-CoV-2 (Garret, 2020).

O confinamento imposto no primeiro semestre de 2020 conduziu, inicialmente, a uma mudança bastante relevante na utilização de energia e houve uma redução significativa na emissão de gases do efeito estufa (GEE), com impactos substancial nas emissões de CO₂ (Le Quéré, 2020), uma consequência direta do isolamento social e da desaceleração econômica provocados pela presença do coronavírus.

Em todo o mundo, ocorreu uma diminuição de aproximadamente 9,3% na “pegada ecológica”, retardando em três semanas o início do déficit ecológico comparado ao ano de 2019, que naquele ano, ocorreu dia 29 de julho (Nunes, 2020). Essa aparente “melhora” nos índices ecológicos foi causada pela diminuição do consumo de recursos naturais, gerada pela catástrofe sanitária, e não como uma forma planejada e equilibrada de busca pela

sustentabilidade ambiental, mas às custas de um desastre que causou muito sofrimento humano (Wackernagel, 2020).

No primeiro editorial do ano de 2021, a Revista Ambiente e Sociedade destacou que os grandes incêndios continuaram em relação aos anos anteriores, destruindo formações florestais no Brasil, Estados Unidos, Austrália, no Ártico Siberiano e em outras partes do globo. O Brasil, especificamente, continuou a apresentar índices elevados de queimadas na Amazônia e no Cerrado, tendo havido uma perda de biodiversidade sem precedentes.

A mesma publicação destacou que:

[...] a crise ambiental e a crise pandêmica estão fortemente interligadas, uma vez que a pressão humana sobre o ambiente, com atitudes como o desmatamento, a expansão da agricultura e da pecuária, as pressões da exploração da mineração, assim como vários processos de degradação ambiental, e a exploração de espécies da fauna selvagem, têm facilitado a transmissão de doenças entre animais e seres humanos (Dutra e Silva, 2021, p. 3).

No Brasil, além da tragédia advinda da pandemia, houve um agravamento das questões socioambientais com os incêndios florestais e o desmatamento desenfreado, em todos os biomas. Além disso, o governo na época (2019-2022), aproveitando-se do foco da imprensa e da população em geral, não sem razão, para a pauta da Covid-19, teve como uma das políticas governamentais prioritárias não somente o desmonte de políticas ambientais, com as tentativas de desregulações ambientais e desmantelamento de órgãos públicos, como a perseguição a técnicos, ambientalistas e defensores de direitos humanos. Além disso, assistiu-se à redução do financiamento para a prevenção de incêndios e, ao ser questionado relativamente ao avanço do fogo no território brasileiro, esse mesmo governo valeu-se da estratégia de lançar dúvidas sobre a confiabilidade das pesquisas e dados geoespaciais (Dutra e Silva, 2020).

Ainda em 2020, enquanto a pandemia matava centenas de milhares de brasileiros, cerca de quatro milhões de hectares de floresta, savana e matagal, representando um terço do Pantanal, esteve em chamas. Quase todos os territórios indígenas e instalações de conservação foram queimados, assim como muitas terras privadas foram devastadas, sendo que os impactos do fogo foram sentidos em todo o país, a exemplo da fumaça espalhada por milhares de quilômetros, afetando a qualidade do ar, nos estados do Sudeste e do Sul,

havendo inclusive registro de chuvas negras ocasionadas pela fuligem (Libonati, 2020), fato que lamentavelmente se repetiu em 2024, proveniente das queimadas nas regiões Norte e Centro-Oeste do Brasil, na Bolívia, no Paraguai e na Argentina.

Não bastasse isso, no Rio Grande do Sul, palco sob o qual nasceram a AIPAN – Associação Ijuense de Proteção ao Ambiente Natural, a AVICO-BRASIL – Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas da Covid-19 e, afinal, o Bosque da Memória de Ijuí, vivenciou-se a maior catástrofe climática da história do Estado. Entre o final de abril e o início de maio de 2024, enchentes e inundações afetaram cerca de 2,4 milhões de pessoas.

Luto, isolamento, degradação, fogo, vida/morte, destruição. Essas e outras tantas palavras não dão conta de descrever o impacto da pandemia Covid-19 sobre a vida de todos nós. Ao mesmo tempo em que a humanidade parecia, por vezes, denunciar aquilo que tem de pior, inúmeras propostas vocacionadas a minimizar os efeitos devastadores da pandemia e proporcionar conforto e apoio a enlutados foram criadas.

A pandemia revelou uma necessidade de reformular e criar novas práticas sociais, de modo a estimular um outro convívio entre humanos e a natureza (Botêlho, 2021).

Nesse sentido, como uma forma simbólica de homenagear as vítimas da Covid-19 e agradecer aos profissionais de saúde, no final de 2020 foi lançada a Campanha Bosques da Memória, promovida inicialmente pela Rede de ONGs da Mata Atlântica – RMA, da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica – RBMA e do PACTO pela Restauração da Mata Atlântica, desenvolvida de forma participativa e colaborativa. Além de buscar transformação desse momento de tristeza e devastação em esperança, a Campanha marcou o início da Década da Restauração de Ecossistemas 2021-2030 declarada pela ONU.

A construção coletiva de um espaço de acolhimento, aliada à restauração de um ambiente degradado, além de promover o bem-estar e a saúde física e mental, é um forte estímulo para que as pessoas coloquem em prática comportamentos e atitudes pró-ambientais (Lumber *et al.*, 2017). Essa construção também pode refletir um processo de educação ambiental, na medida que colabora para a formação de sujeitos sociais comprometidos com a qualidade de vida socioambiental num plano coletivo. Além disso, esse processo pode fomentar outras posturas, práticas e consciências que se põem à serviço

da transformação do modo de vida, criando outras existências sociais amplamente preocupadas com as questões ambientais (Jacobi, 2015).

A propósito, Edward Wilson (1984) propôs a hipótese da biofilia, que pressupõe que todo ser humano tem uma necessidade inata de se conectar com os demais seres vivos. Portanto, o contato e a aproximação positiva com a natureza são cruciais também para o desenvolvimento de conexões com a natureza e entre as pessoas, atuando como motivadoras de compromissos e responsabilidades para a preservação da vida.

Metodologia

Em Ijuí, cidade da região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, a Associação da Vítimas e Familiares de Vítimas do Covid-19 – AVICO-BRASIL e a Associação Ijuicense de Proteção ao Ambiente Natural – AIPAN propuseram à comunidade, em 2021, o projeto Bosque da Memória de Ijuí. A proposta foi ganhando materialidade a partir da divulgação do projeto, do chamamento e organização com familiares e ampla negociação com o Poder Público municipal e instituições públicas e privadas no âmbito do Município.

A AIPAN é uma organização não governamental, com mais de 50 anos de atuação em diversas ações em âmbito local, estadual e nacional. Reconhecida como ponto de cultura a partir dos critérios estabelecidos pela Lei Cultura Viva (Lei nº 13.018/2014), desenvolve e articula atividades culturais na comunidade, contribuindo para o acesso, a proteção e a promoção dos direitos, da cidadania e da diversidade cultural no Brasil. As principais atividades desenvolvidas estão relacionadas à educação ambiental, vivências com e na natureza, hortas urbanas comunitárias, resgate de fazeres artesanais, participação efetiva em Conselhos municipais e estaduais e outros órgãos e instituições, além de realização de oficinas e palestras junto às escolas e comunidades.

Já a AVICO-BRASIL surgiu em abril de 2021, no Rio Grande do Sul, após o período mais dramático da pandemia, portanto. A associação expandiu sua atuação pelo Brasil, desde então, em três frentes: (i) jurídico, (ii) apoio psicossocial e (iii) mobilização e controle social.

Inicialmente, o eixo mais ativo foi o psicossocial, pois era necessário fortalecer emocionalmente as pessoas enlutadas, para que pudessem passar do luto à luta

por justiça e reparação. Para familiares de vítimas e pessoas com sequelas graves da Covid-19, foram criados grupos constituídos por psicólogos, antropólogos, assistentes sociais e estudantes de psicologia, que prestam apoio terapêutico totalmente gratuito (ARANTES; SÍGOLO; GHISLENI, 2023, p. 297).

Como justificativa para o projeto, colocou-se a impossibilidade dos tradicionais atos de despedida das vítimas por parte dos familiares, em função do distanciamento social e do risco de contaminação, como também o fato de Ijuí situar-se numa região de transição entre dois Biomas (Ecótono) – Mata Atlântica e Pampa, que foram muito importantes para o desenvolvimento socioeconômico do Município e encontram-se extremamente degradados. Além disso, a construção coletiva do Bosque da Memória também é uma forma de agradecer, publicamente, à dedicação dos trabalhadores da área da saúde, os quais vivenciaram a crise dos sistemas de saúde, enfrentando as mortes e sequelas de seus pacientes, além de perdas pessoais.

Como dito, a Campanha Bosques da Memória, em âmbito nacional, iniciou no final de 2020, com a finalidade de plantar árvores e recuperar florestas, como gesto simbólico em homenagem às vítimas da Covid-19 e em agradecimento aos profissionais de saúde no Brasil. A Campanha iniciou como uma promoção conjunta da Rede de ONGs da Mata Atlântica – RMA, da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica – RBMA e do PACTO pela Restauração da Mata Atlântica. Desde o princípio, foi desenvolvida de forma participativa e colaborativa, sendo aberta às pessoas e instituições interessadas, contando, desde o início, com várias entidades parceiras como a Associação em Defesa do Rio Paraná, Afluentes e Mata Ciliar – Apoena e a Associação Mico-Leão-Dourado – AMLD. Num primeiro momento, a Campanha pretendia plantar 200 mil árvores, até o dia 05 de junho de 2021, em homenagem às 200 mil vidas ceifadas pela doença. Entretanto, a pandemia se estendeu e tivemos no Brasil mais de 700 mil vítimas fatais, de modo que a Campanha continuou.

A Campanha nacional é apoiada pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), com intuito de elevar sua notoriedade e visibilidade, em alinhamento com a Década da ONU da Restauração de Ecossistemas 2021-2030. Entre outros objetivos, o PNUMA engaja-se com organizações da sociedade civil para garantir que as mudas de árvores nativas sejam devidamente cultivadas até a maturidade.

O Projeto Bosque da Memória de Ijuí/RS iniciou a partir da mobilização social junto às vítimas e familiares e à comunidade em geral. Foram contatadas diversas instituições, públicas e privadas, na busca de apoio e parceria para o desenvolvimento do projeto. Posteriormente, juntamente com o Poder Público municipal, por intermédio da Secretaria Municipal de Meio Ambiente – SMMA, foi realizado um mapeamento de diversas áreas degradadas no Município, a fim de selecionar aquela que seria utilizada para a implantação do Bosque. Optou-se por uma área urbana, contígua ao Parque Popular da Pedreira (Figura 1), com uma área de aproximadamente 1.900 m², de propriedade do Município, havendo a assinatura de um termo de concessão de uso, conforme a Lei nº 7.191 (10 de maio de 2022), que:

[...] autoriza o Poder Executivo Municipal a permitir o uso do imóvel público que menciona para a Associação Ijuicense de Proteção ao Ambiente Natural – AIPAN e a Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas da COVID-19 – AVICO, e dá outras providências.

O local era uma pedreira e, após, um depósito irregular de resíduos urbanos e industriais, está integrado a uma comunidade que já fez parte de um local estigmatizado pela degradação ambiental e social. Recentemente, o espaço passou por inúmeras intervenções de urbanização, com a recuperação de algumas áreas degradadas, construção de moradias populares e equipamentos públicos, sendo hoje um dos lugares mais frequentados pela população ijuicense.

Em 12 de julho de 2024, publicou-se edital, com base na Lei nº 14.133/2021 – Nova Lei de Licitações, relativo ao processo licitatório para a contratação de responsável pela execução global para implantação do Bosque da Memória. O procedimento foi concluído e devidamente homologado pelo Poder Executivo Municipal em 23 de agosto de 2024. A empresa responsável pela execução do projeto arquitetônico e paisagístico deu início às obras em 2 de novembro de 2024, havendo previsão de término para 2 de maio de 2025.

Resultados e discussão

Atualmente, no Brasil, existem 55 (cinquenta e cinco) Bosques da Memória distribuídos em 17 Estados brasileiros, com quase 1.000 (mil) homenageados, falecidos,

vítimas da SARS-CoV-2, conforme informações constantes do site da Campanha. Em Ijuí, desde o início da pandemia, houve cerca de 320 (trezentos e vinte) óbitos, segundo a Secretaria Municipal de Saúde, e são 73 famílias, até o presente momento, engajadas no projeto, através de ações de mobilização, busca de parcerias e apoio financeiro, além da preparação do local e plantio das primeiras mudas a partir de uma lista de 62 (sessenta e duas) espécies da flora regional da Mata Atlântica.

Para efetivação do projeto, foi contatada uma equipe, composta pelos arquitetos Jandha Müller e Gabriel Wildner e pela paisagista Melissa Gressler. O grupo elaborou um projeto de arquitetura e paisagismo que trabalhou com o conceito de que o espaço seja um local de homenagem às vítimas, agradecimento aos profissionais de saúde e de restauração ambiental, sendo a revitalização deste espaço urbano degradado representada pelo plantio de árvores nativas da Mata Atlântica regional. De acordo com os arquitetos, Jandha Müller e Gabriel da Silva Wildner, “o bosque surge como uma renovação e como uma forma de aproximação, tanto dos que aqui resistiram a tempos difíceis, quanto os que se foram na pandemia.” E para concretizar sua execução, o projeto foi apresentado a parlamentares da região, sendo que uma parte do recurso para dar início à execução do projeto foi repassada ao Município como emenda parlamentar.

Acompanhar a inserção no projeto e a participação de familiares das vítimas da Covid-19 nas ações desenvolvidas no Bosque da Memória de Ijuí tem apontado para o fato de que esse pode ser um lugar no qual as pessoas lembram da vida do ente querido e sentem-se autorizadas a falar, a se expressar, a dar vazão a emoção à sua forma e à sua maneira relativamente ao luto (não) vivenciado. Outro fato observado refere-se à presença constante não somente de familiares das vítimas, mas também de amigos e visitantes dos arredores, curiosos quanto às árvores plantadas, cujo plantio, vale dizer, é manejado individualmente por cada familiar que, após, especifica sua muda com informações como nome, data de nascimento e de falecimento do homenageado.

Nesse sentido, também se percebe uma importante e promissora estratégia de educação ambiental, tendo em vista que não somente os familiares, mas também a comunidade envolvida, direta ou indiretamente, preocupa-se com as espécies a serem plantadas, com os cuidados a serem tomados, com o manejo do solo para o ato de plantio,

bem como, com os meses do ano nos quais o plantio é mais indicado. Um projeto de restauração ecológica pode promover a interação entre os sujeitos das comunidades envolvidas com a natureza, além de contribuir para a mudança na relação e, ainda, colaboram para a mudança na relação puramente exploratória entre as pessoas e o meio em que vivem (Carvalho *et al.*, 2017). Assim, se restaurações ecológicas estiverem inseridas em locais nos quais as comunidades do entorno podem se integrar como agentes participativos e se tornar multiplicadoras de ações da mesma natureza, passam a ter valor significativo, especialmente pela intencionalidade na recuperação ambiental.

Nas vivências no Bosque da Memória, observam-se com frequência relatos no sentido de que as pessoas têm aprendido e compreendido a importância do cuidado com o meio ambiente, especialmente quanto às espécies plantadas no Bosque, que são nativas da Mata Atlântica originária desta região do estado. De fato, se houve um enorme gargalo no campo da saúde pública em razão da pandemia de Covid-19, não se pode negar que a educação também foi demasiadamente prejudicada, e isso impacta, obviamente, nas práticas pedagógicas voltadas à educação ambiental. Afinal, como educar para o meio ambiente limitando-se ao ciberespaço? A educação ambiental, dirá Botelho (2021, p. 119):

[...] atua como propulsora de um modo de existência humana que se compromete com as questões ambientais em vários níveis e graus de complexidade, inclusive no entendimento do quão necessário é adotar outras maneiras que permitam a convivência social e a manutenção da vida do individual ao coletivo.

Se a educação ambiental põe na ordem do dia questões como “que lugar é este que eu habito?”, “quem compartilha este espaço de vida comigo?” e “o que fazemos deste lugar?” (Sauvé, 2016), o Bosque da Memória de Ijuí parece especialmente apropriado enquanto prática pedagógica que transcende o ambiente escolar e finca suas bases sobre a comunidade. Ele diz de deixar na terra um legado, uma ancestralidade, e de entender que antes de ser o que pretende ser – um Bosque da Memória cujo espaço é coletivamente compartilhado – houve um processo de transformação preocupado com a restauração ecológica.

A educação ambiental também traz à tona a ideia de justiça intergeracional. “Por que proteger as gerações futuras hoje?”, podemos nos questionar. O art. 225 da Constituição

Federal talvez seja o mais alusivo à ideia de justiça intergeracional. Nele, lê-se que todos têm o dever de defender e preservar o meio ambiente não somente para as presentes gerações, mas também para as vindouras. Pela primeira vez na história da tradição constitucional brasileira, a Magna Carta passa a garantir direitos tendo em vista gerações futuras, isto é, contemplar pessoas que nem mesmo (ainda) existem. Não sabemos seus nomes, seus parentescos, seus hábitos. Não sabemos nada a respeito dessa população por vir. Então, a Constituição preceitua que existe um direito (direito ao meio ambiente equilibrado) sem um sujeito de direitos correspondente. Esse sujeito é um devir. Apesar disso, existe uma vinculação, a imposição de um dever legal, às atuais gerações.

E aqui, é válido pensar sobre o fato de que o Bosque da Memória homenageia sujeitos que não mais estão aqui, neste tempo de mundo, enquanto matéria física, orgânica – porque, apesar disso, continuam como memória, lembrança, afeto e saudade –, celebrando também um devir, de gerações que ainda nem chegaram. Ou seja, comunicam-se, de alguma maneira, indivíduos que jamais terão a possibilidade fática de conhecer-se e que, no entanto, serão afetados uns pelos outros.

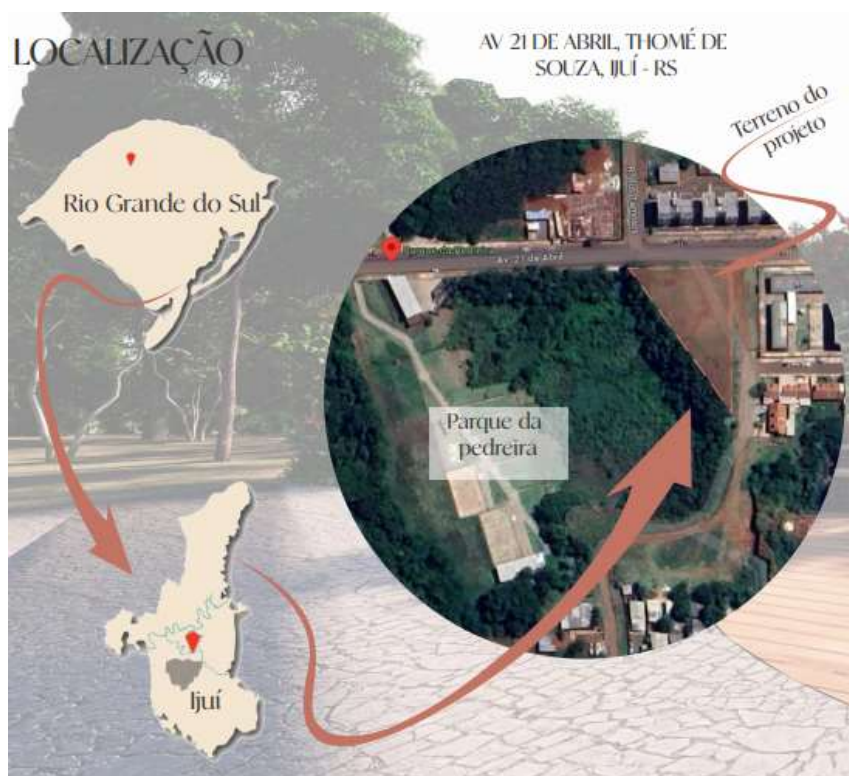
O traço comum de humanidade parece ser o elo que nos une a um sem número de gerações que ainda se escondem no porvir, mas que parecem reclamar, desde já, por justiça intergeracional, confiando em nossa solidariedade e fraternidade para que possam vir a existir e viver, com qualidade e dignidade, neste ou em outros planetas (Jacobsen, 2019, p. 208).

A pandemia nos mostrou que atualmente os problemas são socioambientais, haja vista que as questões ambientais estão cada vez mais presentes na vida dos sujeitos, em suas comunidades e em seus cotidianos. Além disso, a pandemia revelou a necessidade de um pensamento comunitário e de uma visão coletiva, porém com um olhar para os impactos de ações individuais no plano coletivo e do quanto é necessário mudar em permanência as práticas sociais cotidianas individuais para que elas impactem positivamente esse plano coletivo (Loureiro, 2003).

Para além do fortalecimento desse aspecto da educação ambiental, é possível observar que se formou uma outra rede de relações entres os envolvidos com o Bosque, seja quanto aos que fazem frente à iniciativa, seja no que diz respeito à vizinhança e à comunidade ijuiense, sem prejuízo daqueles que passam ocasionalmente pelo local ou que

são instigados pelas publicações da iniciativa nas redes sociais. Merece destaque, porém, a relação que se criou e se fortalece entre amigos e familiares de vítimas. É possível afirmar que dividir uma experiência traumática com pessoas que vivenciaram algo semelhante pode trazer conforto e alento na vivência do luto, porque essa experiência, evidentemente, é sempre vivenciada no “um a um”. No entanto, o compartilhar das dores, das alegrias, das frustrações e das perspectivas de futuro, agora diante da ausência de quem se foi, viabiliza uma nova forma de encarar o luto que, ao que tudo indica, é tão potente e intensa quanto saudável.

Figura 1: Mapa com a localização do Bosque da Memória no Município de Ijuí/RS.



Fonte: Projeto de Arquitetura e Paisagismo – Bosque da Memória Ijuí. Arquiteta responsável: Jandha Telles Müller.

Figura II: Placa de formalização da execução global do Bosque da Memória no Município de Ijuí/RS.



Fonte: arquivo pessoal (2024).

Figura III: Atividade alusiva ao Dia de Finados, em novembro de 2023, no Bosque da Memória no Município de Ijuí/RS.



Fonte: arquivo pessoal (2023).

Considerações finais

O Bosque da Memória de Ijuí é um local onde a vivência do luto, ainda que tardia, é permitida, do mesmo modo que as diversas formas de manifestações de dor e o apoio social para a elaboração das perdas como experiências singulares. O plantar e o cuidar de cada muda promove a construção da memória coletiva a respeito da pandemia, o fortalecimento de redes socioafetivas e da solidariedade, além de fomentar o respeito ao meio ambiente, marcando o processo de restauração ambiental local e viabilizando a construção de uma memória coletiva em torno da pandemia.

Ademais, é simbolicamente valioso o fato de que o “parir” do Bosque da Memória coloque-se como um projeto essencialmente coletivo. Dito de outro modo, um Bosque só existe porque transcende a ideia do um: é preciso mais de uma árvore, mais de uma pessoa, mais de uma família, mais de uma espécie para o “nascimento” de um Bosque. Um sábio provérbio africano reza que “é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”. É assim também para “parir” um Bosque. E quando a própria comunidade participa desses projetos solidários e coletivamente compartilhados, educando-se a si própria, “parindo” a si própria, os ganhos tendem, também, a ser compartilhados.

Referências

ARANTES, P. F.; SÍGOLO, V. M.; GHISLENI, P. C. Necropolítica e memória na pandemia de Covid-19: análise das iniciativas de justiça e reparação no Brasil. **Revista ARA**, nº 15. Primavera-verão, 2023. Grupo Museu/Patrimônio FAU-USP, 2023, pp. 287-315.

BOTÊLHO, L. A. V. O bem viver, educação ambiental e crise pandêmica: entrelaçamentos crítico-transformadores. **Pesquisa em Educação Ambiental**, vol. 16, n. 2, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18675/2177-580X.2021-16180>. Acesso em: 27 nov. 2024.

CARVALHO, A. B. P.; ESCOBAR, L. C.; CADEMARTORI, C. V. Restaurando a paisagem: um desafio social e ambiental. **AMBIENTE & EDUCAÇÃO**. Revista de Educação Ambiental. Vol. 22, n. 1, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/ambeduc.v22i1.6197>. Acesso em: 27 nov. 2024.

DUTRA E SILVA, S.; JACOBI, P. R.; LAUDA-RODRIGUEZ, Z.; MILZ, B. Ciência e crise ambiental em meio a incêndios e pandemia (editorial). **Ambiente & Sociedade**. São Paulo. V. 24, 2021.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/asoc/a/RFFkQLL7r7vzHRcyL7DhvtG/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 27 nov. 2024.

GARRET, L. The art of medicine COVID-19: the medium is the message. **The Lancet**, V. 395 March 21, 2020. Disponível em: <https://www.thelancet.com/action/showPdf?pii=S0140-6736%2820%2930600-0> . Acesso em: 27 nov. 2024.

JACOBI, P. H. Meio Ambiente, riscos e aprendizagem social. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, Curitiba, v. 10, n. 26, p. 346-364, set./dez. 2015.

JACOBSEN, G. Justiça intergeracional e riscos globais: quem são as gerações futuras e por que protegê-las hoje? **Revista Brasileira de Direito**, Passo Fundo, vol. 15, n. 2, p. 197-211, Maio-Agosto, 2019 – ISSN 2238-0604.

LE QUÉRÉ, C.; JACKSON, R. B.; JONES M. W.; SMITH, A. J. P.; ABERNETHY, S.; ANDREW, R. M.; DE-GOL, A. J.; WILLIS, D. R.; SHAN, Y.; CANADELL, J. G.; FRIEDLINGSTEIN, P.; CREUTZIG, F. and PETERS, G. P. Temporary reduction in daily global CO₂ emissions during the COVID-19 forced confinement. **Nat. Clim. Chang.** **10**, 647–653 (2020). Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41558-020-0797-x> . Acesso em: 27 nov. 2024.

LIBONATI, R.; DA CAMARA, C. C.; PERES, L. F.; CARVALHO, L. A. S. de; GARCIA, L. C. Rescue Brazil's burning Pantanal wetlands. **Nature**, v. 588, 10 December, 2020, p. 217-219.

Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/346717066_Rescue_Brazil%27s_burning_Pantanal_wetlands . Acesso em: 27 nov. 2024.

LOUREIRO, C. F. B. (Org). **Cidadania e meio ambiente**. Salvador: Centro de Recursos Ambientais, 2003.

LUMBER, R.; RICHARDSON, M.; SCHEFFIELD, D. Beyond knowing nature: contact, emotion, compassion, meaning, and beauty are pathways to nature connection. **PLoS ONE**, v.12, n.5, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0177186> . Acesso em: 27 nov. 2024.

MARQUES, L. Pandemics, Existential and non-Existential Risks to Humanity. **Ambiente & Sociedade**. São Paulo. Vol. 23, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-4422asoc20200126vu2020L3ID> . Acesso em: 27 nov. 2024.

MAYER, F. S. & FRANTZ, C. M. The connectedness to nature scale: A measure of individuals' feeling in community with nature. **Journal of Environmental Psychology** 24 (2004) 503–515. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/journal/journal-of-environmental-psychology> . Acesso em: 27 nov. 2024.

NIELSEN, M. K.; NEERGAARD, M. A.; JENSEN, A. B.; BRO, F.; GULDIN, M.-B. Psychological distress, health, and socio-economic factors in caregivers of terminally ill patients: A

nationwide population-based cohort study. **Supportive Care in Cancer**, 24, 3057–3067. (2016). Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s00520-016-3120-7> . Acesso em: 27 nov. 2024.

NUNES, M. Pandemia adia o ‘Dia da Sobrecarga da Terra’ para 22 de agosto. **Conexão Planeta**. 21 de agosto de 2020. Disponível em: <https://conexoplaneta.com.br/> . Acesso em: 27 nov. 2024.

SAUVÉ, L. Viver juntos em nossa Terra: desafios contemporâneos da educação ambiental. **Contrapontos** [online]. 2016, vol. 16, n. 2, pp.288-299. ISSN 1984-7114. <https://doi.org/10.14210/contrapontos.v16n2.p288-299> . Acesso em: 27 nov. 2024.

SINGER, J.; SPIEGEL, J. A.; PAPA, A. Preloss Grief in Family Members of COVID-19 Patients: Recommendations for Clinicians and Researchers. **Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy**. 2020, Vol. 12, No. S1, S90 –S93. ISSN: 1942-9681. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/fulltext/2020-38397-001.pdf> . Acesso em: 27 nov. 2024.

WACKERNAGEL, M. Lessons from the coronavirus? In WWF (2020). **Voices for a Living Planet - Living Planet Report 2020**. p. 22-23. Special Edition. Grooten, M. Dillingh, S. and Petersen, T. (Eds). WWF, Gland Switzerland. Disponível em: https://wwflpr.awsassets.panda.org/downloads/wwf_2020_living_planet_report_voice_s_for_a_living_planet.pdf . Acesso em: 27 nov. 2024.

WILSON, E. O. **Biophilia**. Cambridge: Harvard University Press, 1984.

Submetido em: 10-06-2024

Publicado em: 21-12-2024